

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura do decreto de regulamentação da Timemania

Palácio do Planalto, 14 de agosto de 2007

Eu tinha combinado com o Ricardo Teixeira e com o Orlando que eu não ia falar hoje, porque é a terceira vez que nós fazemos reunião aqui sobre Timemania.

Mas eu queria cumprimentar os ministros,

Cumprimentar os deputados e deputadas, a quem nós devemos muito a aprovação desses projetos todos, desde o Estatuto do Torcedor até a Timemania,

Cumprimentar a nossa querida presidente da Caixa Econômica Federal, que vai colocar em prática toda a tecnologia da Caixa Econômica Federal para ver se a Timemania funciona mesmo,

Cumprimentar o Ricardo Teixeira e o Fábio Koff, representando aqui os times, mais o Aivaldo Boscolo, presidente da Confederação Brasileira de Clubes,

Cumprimentar os atletas que estão aqui – disseram-me que o Túlio está aqui, e que está aqui o Andrade,

Meus queridos companheiros,

Eu resolvi falar por uma razão muito simples. Eu penso que nós temos um dilema no Brasil em relação ao nosso futebol. Um dilema que eu, possivelmente, não tenha a solução e, individualmente, nenhum de vocês também possa ter mas, quem sabe, com um esforço coletivo, se a gente começar a pensar e a fazer uma troca de idéias, a gente possa encontrar uma solução para o futebol brasileiro.

Eu lembro, o Bebeto estava recém-indicado para presidente do Botafogo, e eu lembro que o Bebeto veio à minha sala e estava muito emocionado pela situação do Botafogo, ou seja, situação quase que de concordata plena. E eu fiquei matutando com o ministro Agnelo, na época, como é que a gente deveria fazer para ajudar os clubes de futebol. E hoje,

Bebeto, é com muita alegria que eu vejo o Botafogo na situação em que está, um time que conseguiu se levantar.

Mas a coisa é mais grave. Eu acho que nós estamos vivendo um momento em que é preciso saber se nós temos condições de fazer os clubes brasileiros voltarem a ser aquela atração extraordinária que eram há pouco tempo, quando jogava qualquer time de ponta do Brasil contra qualquer time mais fraco, e a gente costumava ver, nos estádios, 20, 30, 40, 50 mil pessoas.

Os desafios que estão colocados são muitos. Vocês sabem, os dirigentes mais experientes – nunca falem a palavra “mais velho”, Ricardo – os mais experientes sabem o seguinte: hoje é muito fácil criticar os dirigentes, eu vejo muitas críticas, eu vejo gente dizer que é preciso profissionalizar os clubes, que o clube tem que virar empresa, como se fosse num toque de mágica. E, de repente, esse clube-empresa virou patrocínio de uma empresa, que coloca o nome dela na camiseta, que um torcedor como eu não pode usar, porque não posso fazer *merchandising* de empresas que pagam o time.

Então, o que nós precisamos fazer, concretamente? Hoje eu sinto que tem dirigente que não vai nem ao estádio mais ver o time jogar. Antigamente – não é, Juvenal? – quando tinha um jogo, o que não faltava no campo era político para cumprimentar os atletas, para tirar fotografia com o presidente vencedor. Mas era uma coisa que acontecia no cotidiano, em qualquer estádio brasileiro, ou seja, casa lotada, não faltava gente para ir lá tirar uma casquinha aqui ou ali.

Hoje, nem os dirigentes dos clubes estão indo mais, porque os times estão caindo pelas tabelas. E qual é o problema que eu vejo? Eu dizia para o Ricardo: como sou fanático por futebol, eu, às vezes, no sábado, na sexta-feira à meia-noite fico procurando canal para ver alguma coisa. E dizia para o Ricardo: o que é triste é que a gente liga a televisão num desses canais a cabo e, então, você vê jogos de vários países do mundo e você vê aquele estádio apinhado de gente. Aí, de repente, você liga num jogo, como eu liguei domingo para ver Corinthians e Grêmio, e tem 8 mil pessoas.

Ora, se é um clube de futebol, que tem no futebol a sua finalidade maior, só vai sobreviver na hora em que a gente tiver o espetáculo para apresentar para o torcedor. Porque hoje quem vai a um estádio, com raríssimas exceções, são os torcedores que são a vanguarda dos times, ou seja, são as torcidas

organizadas. E disseram-me, agora há pouco, que a maioria vai até sem pagar, ganham dos times o convite para entrar. Então, o time fica devendo as suas obrigações e não arrecada para pagar aquilo que os jogadores passam a merecer em função da globalização do futebol mundial. E nós não vemos uma saída de curto prazo.

O que nós estamos fazendo aqui é mais uma experiência que esperamos que vá dar certo, ajudar. Mas é preciso pensar mais. E por que é preciso pensar mais? Eu estou vendo aqui o Andrade, alguns jogadores que foram campeões do mundo pelos seus clubes. Eu vi que, nos últimos quatro anos, todo time que foi campeão brasileiro terminou o campeonato e o time acabou.

O Corinthians, quando foi campeão há 3 anos, no meio do campeonato, vendeu seis jogadores. O São Paulo deve perder, agora, mais um monte. O Internacional de Porto Alegre foi disputar o título da Copa Toyota – que eles chamam de “título mundial”, o único que tem é o Corinthians, que ganhou um feito pela Fifa – acabou de ganhar, e não ficou um atleta no Internacional.

Ora, eu e vocês, que somos do tempo – os nossos filhos não tiveram oportunidade de conhecer isso – mas quem ia ver um Internacional e um Grêmio com menos de 80, 90 mil pessoas no estádio, qualquer que fosse o dia? Quem é que conseguia uma vaga para ir ao Pacaembu, ao Morumbi ou ao Parque Antarctica ver os times de São Paulo jogarem um clássico? Quem é que conseguia chegar ao Maracanã, três horas antes, e entrar para ver um Fla-Flu, para ver um Botafogo, nos áureos tempos do Botafogo, para ver um Vasco da Gama? Vocês estão lembrados de que, quando foi criado o Mineirão, a gente via no jornal: 100 mil pessoas lotaram o estádio, 90 mil pessoas. Hoje são 9 mil pessoas, 8 mil pessoas.

Qual é o desafio que nós temos que enfrentar? Nós temos que encontrar um jeito de motivar os torcedores a voltarem aos estádios de futebol. E aí nós temos um outro problema. Primeiro, o salário do povo brasileiro não é o salário do povo europeu, que pode comprar uma cartela para o ano inteiro. Mas posso garantir que, se a gente estivesse organizado, tinha muita gente que ia. Eu não sou são-paulino, mas já fui na cadeira cativa do São Paulo ver jogo, vi muitos jogos lá, porque tenho amigo que me emprestava no tempo em que eu ia ao estádio.

Qual é o time que se preocupa em juntar, entre os seus torcedores, aqueles que podem dar uma contribuição a mais para que o time possa passar o ano sem o sofrimento que vocês estão passando? Nós só vamos motivar torcedor a ir a um campo de futebol se o time for bom. Como montar um time bom se estão comprando meninos com dez anos de idade, com oito, com nove, com sete, com cinco, com seis, e já estão até encomendendo. Casou, dependendo da fama do cidadão: “Oh, se tiver um filho, nós vamos comprar”. Não é possível competir. Aí, nós entramos no conflito da liberdade individual do cidadão transitar pelo mundo do jeito que ele quer, do atleta.

Eu fico hiperfeliz quando vejo normalmente meninos pobres ganharem cinco, seis, quatro, três, um milhão de dólares, ao serem vendidos. É uma coisa extraordinária para a vida daquela pessoa. Agora, se é importante para a vida daquela pessoa, nós temos que pensar o seguinte: e o clube que o formou, que muitas vezes investiu desde os cinco anos de idade, seis anos de idade, como é que fica? E a torcida, que é a razão da existência do clube, também, como é que fica?

Eu estou dizendo isto aqui para desafiar vocês a pensarem um pouco que nós temos muito mais coisas para fazer. Eu não sei se aqui tem dirigentes do Bahia, do Vitória, mas era famoso qualquer jogo do Bahia e do Vitória, lotava aquele estádio, aquilo era coisa para 80, 90 mil pessoas de cada vez. Hoje, os times estão todos na terceira divisão. Eu tenho até pena de ver pela televisão, não se consegue mais mostrar torcedores atrás, gritando e comemorando gol, porque não tem torcedor. Então, eu queria desafiar vocês para que, juntos, tentássemos produzir as saídas.

Eu não sei que desgrama é essa hoje, ou seja, o moleque bateu uma bolinha com três anos, já tem um empresário. Está certo que a economia está bem, mas é preciso a gente cuidar. Eu tenho uma preocupação com o futebol, porque o futebol está na carne, está no sangue do povo brasileiro, é uma coisa que está na nossa cabeça, que está na nossa cultura, não tem jeito. Não tem como você imaginar este País com o seu futebol falido. Depois, jogadores famosos que vão embora e que não voltam nunca mais, se a gente quiser, vamos vê-los pela televisão, se tiver dinheiro para pagar uma assinatura de TV a cabo, senão também não vê.

Vocês percebem que o desafio é enorme. Eu acho que a gente deveria, todos os times, eu não sei qual é o time que tem mais torcedor, mas era preciso a gente começar a fazer uma campanha para fazer a torcida... Eu vejo o Sport, lá em Pernambuco, eu sou torcedor do Náutico, para não deixar ninguém zangado aqui, mas eu vejo o Sport, todo mundo com quem eu falo é que nem o Flamengo, no Rio: “eu sou Sport, eu sou Sport”. Quantos torcedores são pagantes do Sport, do Sport Clube?

Então, é um desafio que nós temos. Já que não existe uma receita fixa, não existe para vocês o imposto sindical como existe para os empresários e para os trabalhadores, é preciso criar condição para ter uma motivação, e a motivação é a qualidade do time. É a qualidade do time, não tem jeito. Se o time estiver bom, não tem chuva, não tem frio, não tem inverno, não tem distância. Quem é que está lembrado que, em 76, o Corinthians invadiu o Maracanã com 80 mil pessoas para empatar com o Fluminense e ganhar nos pênaltis? Hoje as pessoas não vão ao Estádio de São Januário, ninguém vai, sair de casa para quê?

Então, eu queria que vocês aceitassem esse desafio. Quem sabe, Orlando, fosse o caso de criar um grupo de trabalho com os dirigentes que têm mais interesse em fazer essa discussão e a gente produzir alguma coisa que possa melhorar? Eu sei que a gente só vai melhorar definitivamente quando tiver dinheiro para pagar o salário que o jogador ganha lá fora. Mas vocês estão lembrados que há uns 4 anos o basquete americano teve uma revolta dos clubes porque não podiam pagar mais os salários que os jogadores estavam reivindicando. Chega uma hora que nem com a casa lotada você consegue pagar o salário, dependendo do salário. O salário tem que ser o justo, em função da qualidade daquilo que as pessoas apresentam e, portanto, o jogador, como o artista, quanto mais famoso, quanto melhor o artista, mais vai ganhar dinheiro.

Nós nunca vamos poder competir, pelo menos nos próximos 10 anos, com a Itália, com a Espanha, mas nós temos condições de manter jogadores de bom nível aqui, porque também não é todo mundo que ganha uma fortuna lá fora. Tem muitos que vão e quebram a cara, voltam com dois meses, voltam com um mês e meio, voltam com três meses, não é isso?

Então, eu penso que esse desafio deveria ser assumido por todos nós.

Da minha parte, o que eu posso assumir como compromisso? Naquilo que vocês convencerem o governo, nós preparamos o projeto de lei, mandamos para o Congresso Nacional, conversamos com os deputados, e os deputados têm boa vontade, porque todo mundo torce para algum time, aliás, quem não torce nem é eleito para alguma coisa, as pessoas têm que torcer.

E eu, sinceramente, acho que nós precisamos ter no futebol brasileiro... dar a mesma importância que nós damos a qualquer outra coisa, ou seja, gera empregos, gera alegria, gera tristeza, mas, sobretudo, é uma coisa que está impregnada na nossa célula e nós não podemos abdicar disso em hipótese alguma. Portanto, eu estou desafiando vocês, vocês me desafiem e, juntos, nós vamos construir mais coisas que possam melhorar o futebol brasileiro.

Meus parabéns Orlando, por todo o trabalho. Parabéns, do fundo do coração. Eu sei da sua dedicação e espero que a gente volte, daqui a algum tempo, a ter os times com a capacidade de arregimentação de torcedores que já tivemos. Para isso, é preciso manter jogadores bons – não é, Andrade? – jogando o tempo inteiro. Se marcar um gol e já for vendido, estamos mal das pernas.

Então, esse é um desafio. Esse é um problema em que eu acho que vocês precisam ajudar. Ajudar no sentido de perseverar, de brigar, de propor idéia e tentar ver: vamos fazer um debate, como é que faz um clube virar um clube-empresário? Porque é fácil falar: “Ah, podia virar clube-empresa”. Agora, como fazer? Vamos fazer um debate sobre isso, para ver como é que a gente faz um clube virar empresa. Como se fosse fácil! Se os grandes clubes não têm condições, imaginem os menores, que passam a metade do ano sem jogar.

Então, eu acho que esse é um desafio que não está resolvido com o decreto que assinei hoje. Esse decreto é uma solução para um problema, mas precisa de muita dedicação de vocês, até porque os times terão que aderir ao sistema. E o Juvenal precisa aderir ao sistema, porque isso vai até ser bom para o São Paulo.

Um grande abraço, gente.